

A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Garcia da Orla e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas;—*A sociedade de S. Petersburgo (Salões e perfis—Alta sociedade moscovita)*, pelo Conde Paulo de Vasili;—*Credo*, versos, por Al-

ves Crespo;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Os excentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Na praia*, conto, por José Maria da Costa.
GRAVURAS:—*A' espera da caridade*;—*Conde de S. Salvador de Maliosinhos*;—*A' sombra das arvores*;—*Mademoiselle Sabina*;—*Ponta Delgada*.



A' ESPERA DA CARIDADE

J. BREVET AMOR X. A. 20. 20.

CHRONICA

Sempre lhes quero dizer, que não ha nada peor do que ter que dizer alguma coisa, quando se não tem nada que dizer. N'um transe d'estes, por muito Mendonça e Costa que uma pessoa se apresente, nunca a benevolencia alheia pode attingir exaggeradas proporções.

Para que em circumstancias taes o chronista se não torne massador, é essencialmente necessario que o seja de nascença. E, pela minha parte, confesso que de modo algum me apraz attribuir á força da hereditariedade uma aptidão que simplesmente devo á acção do meio externo. Venho a dizer na minha que foi massada esta semana passada

Nem um crime, nem um caso!

Ou já não ha policia, ou a vigilante corporação, durante os sete dias de cuja semsaboria me queixo, tomou a heroica e muito louvavel resolução de não fazer disparates. Valha-nos isso; é já um acontecimento.

De resto, não é prudente abusar dos pratos violentos. Se todos os dias o jornalismo levantasse escandalos como o das parteiras, a propria *reportage* teria emfim d'estorcer-se nas ancias dolorosas do mais descompassado aborto.

Entretanto, convenço-me de que ninguem iria lastimar-se, porque na capital, em fins d'outubro, houvesse um pouco mais de vida. Alguma coisa que nos prendesse a attenção, uma ninharia qualquer que nos preoccupasse, durante o momento necessario para que um discipulo esbofeteie sem cerimonia um professor, em plenas ruas da baixa.

Sempre ganhavamos com isso, porque afinal ha scenas que repugnam.

E, sobretudo, quando mais tarde um conselho escolar se reunisse para discutir sobre casos directamente inclusos nas attribuições da 3.^a divisão pelicial, teriamos a maxima vantagem, desconhecendo que se tratava de tornar apesar de tudo respeitavel uma pessoa que evidentemente descurou muitissimo no sentido de se fazer respeitar.

Porque todos viram, o rapaz bateu-lhe.

E a verdade é que ninguem teria dado por semelhante coisa, se, duas ou tres das nossas mais gentis compatriotas, se tivessem n'esse dia resolvido a debutar pelo Chiado abaixo, na sua annual ostentação de garridice. O olhar do lisboeta apaixonado perder-se-hia no rasto das caprichosas estrellas, poupando n'isso, tambem, a despesa de alguns tostões mediante os quaes tem de ir agora contemplal-as nos camarotes de S. Carlos, atravez de umas lentes detestaveis. Porque ha binocolos para todo o preço, e ha pessoas que, mergulhando a mão na consciencia, por mais profundamente que o façam, nunca de lá recolhem muito avultadas quantias.

Nanja eu-que me vá rir d'essas pessoas.

E' triste preconceito o das risonhas Evas, que, ao despedirem-se das praias, em cujas areias rabiscaram o prologo de alguns romances e o epilogo de muitos outros, juram a Deus, que tudo lhes perdôa, a mais teimosa e triste das reclusões, até que o nosso amigo Valdez lhes abra as portas da sua lyrica vivenda.

O' Valdez, abra lá isso! Estamos anciosos de vêr se no rosto alegre das banhistas deixou vestigios... o oceano. Quantos e quantas vagas não vão agora dispersas pelo Atlantico, narrando saudosamente ás companheiras as noites de luar em que surprehendiam coisas deliciosas, idyllios adoraveis, exquisitices, eu sei!

E' tempo, minhas senhoras, de concluir a *toilette*. Recommendo-lhes a cintura bastante curta em que ha

dois annos se pretende resuscitar o seculo passado. A elegancia, até aqui, tem resistido; mas ha fundadas esperanças de que naufrague d'esta vez.

Vossencias vão-nos ficar muito comicas, e assim é necessario, para que tambem nós possamos rir um pouco. E' tempo de corresponder aos sorrisinhos de escarneo que tantas vezes vos pairam nos labios despiedados, aliás destinados pela Providencia a uma função mil vezes menos cruel.

D. Maria dá-nos amanhã a Dionysia. Vamos.

E' occasião de nos certificarmos de que não foram simples lisonjas os louros que recolheu na America a companhia do nosso theatro normal. Vamos lá cumprimentar o Silva Pereira, o unico dos actores em quem a nostalgia poude mais de que a bichinha gata da gloria.

Vem doente, coitado. Vem quasi a fazer declarações positivas sobre a idade, mas espera-se que, dentro em pouco, excitado pelo tempero do nosso clima, readquirira uma vez mais a sua velha juventude. E oxalá que assim seja.

Muito ao contrario d'elle, a actriz Margarida, que na passada epocha fez as delicias dos frequentadores do Principe-Real, tão pequenas saudades teve da nossa brisa fagueira, que resolveu demorar-se um pouco mais n'esses Brasis, onde, no dizer do *Correio da Noite*, ficou saldando as ultimas contas do beneficio...

Ingrata Margarida, perdoamos-te o desapego! Dá lá saudades ao commendador.

E já agora, que, por causa d'ella, enviámos o pensamento ás terras de Santa Cruz, com mais cinco minutos de viagem e uma capa de pelles, podemos ir á Russia, de caminho.

Preciso visitar o czar. Quero chamar-lhe tolo.

Porque não pode estar em bonita conservação intellectual um ratão que n'um dia se faz suppor assassinado, e que no dia seguinte se deixa accusar do assassinio do primeiro conde de Reutern que lhe passou na orbita.

Emfim, talvez a culpa de todas estas mortes não caiba positivamente ao urso moscovita. E' possivel que semelhante morticinio seja apenas devido a este milagre supremo da electricidade, que permite a circulação, de polo a polo, a mentiras de todo o tamanho.

Entretanto, não ha razão nenhuma para que a gente confie demasiadamente n'esse espantoso czar. O general Kaulbars tem-o compromettido muito.

Nunca vi nada mais extravagante do que o papel tristissimo que, junto da regencia bulgara, anda fazendo o respeitavel embaixador do Polo Norte.

O temeroso agente exige coisas extraordinarias. Ninguem faz caso d'elle, mas lá vac viveado. E' um papão desconsiderado.

Merece tanta attenção como não sei que sabio que ultimamente pretendeu convencer os dorminhocos de que não ha nada melhor para o economia animal do que levantar-se a gente ao mesmo tempo que se levanta o sol. Isto sem attenção nenhuma pelo facto do sol se accomodar muito mais cedo do que qualquer filho de Deus.

Felizmente um outro sabio veio, um benemerito, que sem maior dificuldade calculou a existencia de quinhentos microbios em cada litro de ar, ás 7 horas da manhã.

E' a occasião em que a athmosphera se apresenta mais largamente povoada dos pequeninos seres que nos põem em communicação directa com o Montes dos enterrros.

Ainda bem. Por isso o Montes me não conhece ainda.

GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO

IV

E' curioso ver como ninguem comprehendia no tempo de Albuquerque os seus grandes e levantados pensamentos cujo alcance só hoje apreciamos! Por causa dos casados de Goa procuraram no seu tempo ridiculisa-lo, e os inbecis da côrte riam a bomrir das partidas que os levianos fidalgos da India faziam a Alfonso de Albuquerque. Assim uma vez que se celebraram na capella do Paço dos governadores, um grande numero de casamentos, entre Portuguezes e gentias, os trosistas conseguiram arranjar uma tal confusão que os pares se embrulharam, e que não houve Portuguez que fosse para casa com a mulher que legitimamente desposára á face da igreja. Não sabemos se depois se destroçaram, mas a noite de nupcias passou-se com bastante incorrecção.

D'aqui se originava, como bem se pode imaginar, grande risota, e, se o governador, que não era para graças, punia os que procuravam desarranjar-lhe os planos, accusavam-n'o todos de crueldade e de despotismo, e a essas accusações dava ouvidos o soberano que o mandava substituir.

N'esta sociedade faltavam as senhoras européas, o que não concorria pouco para a soltura e licença dos costumes. Abundavam as escravas de todas as côres e de todas as proveniencias, todas respirando sensualidade, e concorrendo para a desmoralisação dos soldados portuguezes, e tambem para o seu definhamento, porque as *perrinhas malabares*, segunpo a phrase de Jorge Ferreira de Vasconcellos, faziam tantos estragos entre os Portuguezes como as balas da artilheria dos rumes, ou as crises dos malayos nas Molucas.

As indigenas casadas com Européus não eram effectivamente de uma fidelidade exemplar, e muitas vezes enganavam-se no marido, como acontecera na famosa noite de nupcias a que atraz nos referimos. Além d'isso creára-se em Goa um verdadeiro *demi-monde*. Vinham aventureiras de Lisboa, como uma famosa *marqueza* por alcunha, cuja odyssea o sr. conde de Ficalho nos conta, e que foi verdadeiramente uma especie de *fiancée du roi de Garbe* do Oriente. Outras eram mestiças e não eram as menos requestadas. Viviam com grande luxo, como as *horizontaes* do Paris moderno, e, se os que as tinham por sua conta não lhes punham carruagem, cercavam-n'as de escravas, e faziam-n'as viver n'uma atmospheria de pompa e de luxo.

Um outro elemento da sociedade da nossa India eram os indigenas, que se agrupavam em torno de Goa nas suas comunidades agricolas, ou que se occupavam em Goa nos misteres servis. Tambem appareciam estrangeiros, persas ou arabes ou abyssinios, que tratavam dos seus negocios como antigamente, baneanos de Cambaya que formavam em Goa a sua colonia especial como hoje em Moçambique, especie de chins na California, trabalhando, poupando, e voltando, logo que podiam, para a sua terra com as suas suadas economias, judeus com abundancia, pelo menos emquanto não appareceu a Inquisição, que não podia deixar de os espantar, e européus unidos quasi sempre com os portuguezes, especialmente bombardeiros allemães, muito estimados pelos capitães portuguezes pela sua seriedade e pela sua mestria, mostrando já então essa raça o valor que sempre teve e que lhe deu, logo que houve quem lhe soubesse aproveitar e congregar as aptidões, a supremacia que hoje tem.

Como vivia essa sociedade mesclada? De um modo que fazia prevér a rapida decadencia do nosso poder. Logo que a idéa de Albuquerque não foi aproveitada e continuada, era evidente que se tornava impossivel a sustentação do nosso dominio. Os portuguezes viveram na India como hoje vivem os inglezes, e, se estes com os immensos recursos de uma poderosa nação e de uma administração habilissima, estão sempre em risco de perder o que conquistaram, como não nos succederia isso a nós, nação pequenissima, e sempre desleixada em administração?

E esta comparação dos Inglezes com os Portuguezes não deve parecer estranha. O dominio inglez não é mais solido do que o nosso. O tempo tem, por assim dizermos, as suas illuções opticas, da mesma forma que o espaço. Quando vemos muito ao longe dois pontos que dominam a região circumvisinha, a distancia entre elles parece-nos insignificante, quando nos approximamos vemos que esses pontos que a nossa vista quasi confundia estão separados por kilometros de estrada. Quando olhamos para a nossa historia parece-nos que foi ephemero o nosso dominio. A verdade comtudo é que durou mais de um seculo. Perdemos Ormus em 1627, Malaca em 1640, Ceylão em 1648, Bombaim em 1662. Pois tambem ha pouco mais de um seculo que os Inglezes estabeleceram o seu imperio na India, e pode-se dizer mesmo que o grande imperio anglo-indiano nem um seculo conta ainda de existencia. E comtudo, da mesma forma que só ao cabo de um seculo de dominio é que principiou a apparecer, presagio da nossa ruina a bandeira hollandeza nos mares orientaes, é tambem

cabo de um seculo que principia a apparecer no alto de serras do Afghnistan a aguia russa, de triste presagio para a Inglaterra.

Os Inglezes acampam na India, e nós acampavamos tambem A politica de Albuquerque e a influencia religiosa dos nossos missionarios podiam consolidar esse dominio. Perdemol-o por nossa culpa, mas a raça ingleza é que é completamente refractaria ao systema que por algum tempo seguimos.

O governador e os fidalgos não queriam senão demorar-se o menos tempo possivel, enriquecer e regressar á Europa. Emquanto lá estavam, tinham os habitos e os entretenimentos dos soldados n'um acampamento. Não tinham a vida de familia, e durante o inverno, quando a cerração não deixava sair as esquadras, e quando o Adil-Schah não invadia o termo de Goa, os fidalgos disputavam entre si, muitas vezes á ponta da espada, primores de nobreza, cejavam, frequentavam a casa das Aspasias cobreadas de Goa, ou apinhavam-se nas igrejas para assistirem ás festas religiosas, que eram os grandes espectaculos d'esse tempo.

O dominio inglez tem sido altamente proveitoso para a sciencia, e ás investigações dos membros das sociedades sabias de Calcuttá, e dos correspondentes da sociedade Asiatica de Londres devem muitissimo á philologia, a historia, e as sciencias naturaes; mas, como o signatario d'estas linhas por mais de uma vez o affirmou em varios capitulos da sua *Historia de Portugal*, e principalmente nos da segunda edição, e como o sr. conde de Ficalho exuberantemente demonstra, tambem os Portuguezes prestaram altos serviços á sciencia.

Não descobriram o sanscrito, ainda que d'elle tiveram mais ou menos vago conhecimento, mas os jesuitas estudaram as linguas dravidicas, conheceram a fundo os dialectos fallados, e d'elles deixaram os primeiros dictionarios e as primeiras grammaticas.

Para os nossos criticos modernos a formula scientifica é tudo, e parecem incapazes de descobrir a sciencia e o estudo de baixo da triplice camada das formulas um pouco pueris de que os nossos antepassados se serviam. Os nossos historiadores porém podiam estropiar horrorosamente os nomes indianos, e vestir a historia d'ellas com os trajos europeus que conheciam; mas embora pareçam nomes da farça de cordel o Nizamauco e o Hidalcão, nem por isso é menos verdade que os nossos Portuguezes conheciam e estudavam a historia d'esses Estados orientaes.

Garcia da Orta, por exemplo, descreve os pezados subterraneos da India como se estivesse fallando da gruta da Senhora da Nazareth, mas nem por isso é menos verdade que descreveu com perfeita exactidão o templo de Elephanta que viu e visitou minuciosamente.

Não nos referimos já á medicina e á botanica, em que Garcia da Orta deu lições ao mundo inteiro, fazendo conhecidas da Europa as plantas indianas, e tambem essa doença terrivel, que nascendo nos *jungles* indianos, está sendo ainda hoje um dos maiores flagellos da humanidade—a *cholera-morbus*.

O que hoje porém fazem os sabios inglezes com um grande apparatus de erudição, e com uma profusão extraordinaria de termos arrevezzadamente orthographados, faziam-n'o os nossos frades e padres com muita humildade christã, fazendo intervir o demonio, noticiando com piedoso horror as superstições e os costumes ignorados de que davam conta. Não é nas *Transactions* das Sociedades Inglezas que esses elementos de sciencia se devem procurar, é nas Cartas Annuas dirigidas aos geraes das ordens, e os nossos sabios e espertos contemporaneos, que só olham á taboleta e não comprehendem a sciencia senão a 3 fr. 50 por volume com boa impressão, e brochura amarella, mal pôdem imaginar que n'essas cartas e nos pesados *in-folio* dos padres missionarios se encontram as primeiras noções scientificas e exactas, que ácerca dos povos, da historia, dos costumes e das linguas do extremo Oriente a Europa recebeu.

O sr. conde de Ficalho consagra os ultimos capitulos da sua obra ao estudo dos *Colloquios*, e dos elementos que elles encerram para a historia da sciencia, mas em capitulos anteriores fallamos da vida que Garcia da Orta levou durante os trinta annos que passou em Goa, na sua casa de cuja varanda elle via os navios entrarem a barra e irem subindo rio acima, do seu jardim onde elle plantava com desvelos de botanico algumas arvores especies, da sua criada Antonia, da sua excellente cosinheira, das magnificas fructas das suas sobrezezas, que eram o tributo que os seus clientes mandavam, como prova do seu reconhecimento, ao medico que os salvára, e entre as quaes figuravam as deliciosas laranjas de Cochim, e as mangas de Bombaim, que lhe trazia não já um cliente amavel, mas o seu proprio rendeiro, porque Garcia da Orta era proprietario de Bombaim, A ilha onde hoje se eleva a grandiosa cidade ingleza foi propriedade de Garcia da Orta.

O que torna este quadro traçado pelo sr. conde de Ficalho mais especialmente apreciavel é o não serem quadro de phantasia, e poder o auctor dizer que se falla nas laranjas de Cochim, na compota de pecegos de Hormuz, ou na conserva de gengibre de Bengala é porque muito expressamenteas enumera Garcia da Orta nas paginas, qua vae citando, dos seus *colloquios*.

A SOCIEDADE DE S. PETERSBURGO

Salões e Perfis — Alta sociedade moscovita

CARTA XVII

Não conheço sociedade mais intelligente do que a de S. Petersburgo; não conheço, sobre tudo, nenhuma outra, onde a mulher represente um papel mais importante, onde seja mais amavel, mais graciosa, mais espirituosa, mais instruída, mais seria nos seus gostos e mais apta para interessar-se por todas as questões, sejam litterarias, sejam do dominio politico.

A mulher russa é uma *charm-resse*; o seu encanto, porém, reside muito mais nos dotes phisicos e sobresahe no modo como ella sabe dominar os homens, guial-os, influenciar-os.

Os russos educam seriamente suas filhas, applicam-se a dar-lhes uma instrucção solida, a fazerem-nas suas iguaes.

A admiravel organização slava facilita essa missão, e permite organizar para a sociedade esse modelo de graça e espirito, que se chama a mulher russa.

As mulheres russas, bem mais intelligentes do que os homens, quasi sempre dotadas de um espirito mais fino e observador, nutrem, simultaneamente, ambição por seus maridos e por si proprias.

Atormenta-as, mais ou menos, o desejo de representar um papel qualquer, especialmente um papel politico, e esse desejo prejudica muitas vezes a sua dignidade, aos olhos d'aquelles que não a conhecem bem.

Mas a despeito de tudo, as russas são seductoras; a sua conversação é viva, espirituosa, graciosissima; a sua vasta instrucção permite-lhes entrarem em todas as discussões. Julgam os homens, as cousas e os acontecimentos com uma sagacidade, uma fina ironia cheia de bom senso, que recorda a *grande-dame* do seculo XVIII. Teem com ella mais de um ponto de contacto; encontrar-se-ha em S. Petersburgo muitas madame Du Defant, e poder-se-ha ahi admirar frequentemente uma madame de Sévigné.

A princeza Paschkiewitch é uma d'essas raras creaturas privilegiadas, perante as quaes a critica, seja qual for a sua proveniencia, é forçada a calar-se e a inclinar-se.

Dotada de todas as qualidades de espirito e coração que podem embellezar a mulher, a princeza não possui senão amigas.

Sempre inalteravelmente tranquilla, adivinha a gente, ao vel-a, que a princeza deve ter esgotado a taça das amarguras da vida e que a similhaça do psalmista, ella comprehendeu o nada das alegrias e vaidades d'este mundo.

A sua existencia estudiosa, laboriosa, metade consagrada ao estudo, e a outra metade ás obras de caridade, pode ser apresentada como modelo á actividade da geração nova.

Muito intelligente, extremamente instruída, a princeza traduziu em francez vernaculo varios romances de Tolstoi.

Odiando as grandes festas, assim como as recepções espectaculosas, a princeza não sae quasi nunca.

A sua vida é extremamente concentrada; e a princeza não recebe senão um numero muito restricto de amigos.

Para esses, a sua porta está sempre aberta, todas as noites reuñem-se em torno da sua mesa de chá aquelles que teem a felicidade de merecer-lhe a sua affeição.

Sob o ponto de vista de sala onde se conversa, e sobre tudo onde se pensa antes de fallar, deixando se sempre de parte a calúnia ou a malidicencia, a sala da princeza Paschkiewitch não tem rival.

Essa estranha mulher possui, simultaneamente, o caracter de um anjo e a sciencia de um beneditino.

A princeza Menschikow é uma mulher totalmente differente. Tem o espirito de um demonio e os apartes de um diplomata, encanecido nas chancellarias; offerece ao observador todas as antitheses reunidas. A princeza nunca foi bonita; mas tomou corajosamente o seu partido, e resarcio-se nos triumphos, obtidos pela sua intelligencia, d'aquelles que faltaram ao seu rosto. Dotada de uma vivacidade scintillante, a princeza possui uma das linguas mais compridas que tem sido dada a uma creatura humana. Não mata o seu proximo; assassina-o com sarcasmos pungentes, que não reflectem, entretanto, n'essa estranha mulher, de mau coração, e que são o producto de uma intemperança de linguagem, que nada consegue reprimir.

Não posso comparar a princeza Menschikow senão a um balão muito pesado, que precisa constantemente alijar parte do lastro, afim de subir mais alto.

Alegre, franca, brusca por vezes, mas sempre boa nas suas acções, a despeito das más palavras, a princeza não tem o menor ponto de contacto com a mulher russa de Petersburgo; assimilha-se antes a essas singulares estrangeiras de torna-viagem, typos um pouco vulgares, que não se preocupam com a opinião publica e que apparecem em todas as villas d'aguas.

Percebe-se, á primeira vista, que a princeza deve ter percorrido os asphaltos de Paris, e que ahi semeou parte dos seus milhões.

A princeza sabe, quando quer, representar *de grande dame*; mas é forçoso confessar que gosta de dizer cousas monstruosas, feitas para assustar a gente. Possui tambem a insolente despreocupação da mulher a quem não faltaram nenhum dos gosos materiaes da vida, e a alegria febril, peculiar aos que trazem no coração uma chaga incuravel; a princeza nem por isso deixa de ser uma amiga segura, dedicada e discreta. Os proprios que a criticam são obrigados a convir.

Quando está em Petersburgo, a princeza Menschikow recebe muita gente, embora de uma maneira intima. As suas recepções, onde se conversa muito, são sempre animadissimas.

Não sei bem porque, mas a princeza fez-me muitas vezes lembrar madame Du Defant, á parte a *revue*, que faltava á marquezia, e a possibilidade de acceitar o dominio do presidente Henault.

(Continúa)

CONDE PAULO DE VASILI

CREDO

Creio em Deus Padre, e... Aqui,
do resto da oração
confesso que m'esqueci:
mas sei—em compensação—
outra mais linda, que tenho
gravada no coração,
e que não posso esquecer,
que em repetil-a me empenho
sempre, sempre, até morrer:—
—«Creio em teus olhos formosos,
«que não me farto de ver:
«no que elles dizem. . . ditosos
«aquelles, que os podem ler!—
—«Creio tambem piamente
—«nos meus ardentes desejos
—«de os devorar com meus beijos
—apenas... continuamente.
—«Creio nos ceus, se um momento
—«descança em mim teu olhar,
—«e o que eu então experimento
«faz-me nos anjos pensar—
—«Creio que existe outra vida,
«e outro mundo melhor:
—«viver a teu lado, querida!
—«ser o teu unico amor!—

Ouviste-me a oração,
que tenho por mais formosa.
Creio que é milagrosa,
se é dita, com devoção.
a alguma santa... bonita,
como, na terra, tu és.
Deixa que eu t'a consagre,
e, ajoelhado a teus pés,
humildemente a repita...
.....
Eis o primeiro milagre,
que a minha santa me fez!
Bem dita prece! bem dita!—

Ericcira.

ALVES CRESPO.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 44 DO 3.º ANNO)

VI

Era uma vez um Fonseca!

Depois, passado o primeiro momento de hilaridade, d'uma hilaridade pouco lisongeira, que vexou muito o novo ministro, Antonina, comprehendendo por fim a situação em tudo que ella tinha de serio e de importante, vendo na cara do seu amante,— que, apesar da bonhomia enorme com que desde aquelle celebre dia da rua das Damas se submetera completamente ás suas ordens, e se entregára absolutamente nas suas mãos, não era um imbecil acabado de quem a gente se pode rir nas bochechas sem medo de o melindrar,—um grande desapontamento misturado com um bocadinho de mau humor e uma dose homœopathica de vaidade ferida, Antonina, diziamos nós, retomou a sua seriedade e perguntou já sem rir:

—Mais isso é verdade? Estás a fallar serio?



CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS

—Tudo o que ha de mais serio, respondeu o Fonseca um nada desabrido.

E depois continuou com certo enfatuamento:

—Parece que nem toda a gente me acha tão inutil, tão incompetente como tu.

Antonina teve vontade de lhe responder immediatamente:

—E' que nem toda a gente te conhece tanto como eu, é que ninguem sabe que tudo o que tu fazes sou eu que o faço, que tudo o que tu dizes, sou eu que t'o ensino.

Mas teve a prudencia de calar esta voz, que seria para o Fonseca a voz da consciencia, e em vez de o escandalisar, disse-lhe pelo contrario, desculpando-se, justificando a sua hilaridade:

—Zangaste-te por eu me rir? Então o que querias? Eu estava no melhor do meu somno, de repente sou acordada por um homem, que, sem mais nem mais, vem ás 2 horas da madrugada dizer-me, em fralda de camisa, de palmatoria na mão: estou ministro d'Estado! Não vez o comico que ha n'esta situação, embora ella seja muito seria?

O Fonseca, radiante com esta explicação de Antonina, de quem não estava nada habituado a ouvir explicações, concordou immediatamente, vendo tambem que effectivamente era assim, que o contraste entre a sua *toilette* e as suas palavras era de molde a fazer estourar de riso um santo de pedra, sentindo-se lá por dentro muito feliz e orgulhoso com essa satisfação dada á pessoa do ministro e secretario de Estado, que, por debaixo d'essa fresca *toilette*, havia, ha coisa de meia hora.

—Mas então o ministerio cahiu? tornou a perguntar Antonina sentada na cama, já muito esperta, e entrando radiante de felicidade na nova situação de que começava a ver todas as vantagens.

—Cahiu, repetiu novamente o Fonseca, e o conselheiro Malaquias foi chamado ao paço, encarregado de formar ministerio, e a primeira pessoa a quem veio convidar para ministro foi a mim.

—E o Silveira, veio com elle?

—Veio.

—Tambem entra para o ministerio?

—Tambem.

—Então já sabes a quem deves a pasta? é a elle.

—Póde ser, concordou o Fonseca um bocadinho despeitado, porque gostava muito mais que todos julgassem que elle a devia aos seus merecimentos.

—E porque é que o Silveira te faz agora ministro?

O Fonseca calou-se.

—E' porque tu o fizeste deputado, explicou Antonina.

E depois gabou-se logo, recordando o que se tinha passado então!

—E tu ainda te zangaste comigo quando eu te aconselhei que pozesses toda a tua influencia e algum do teu dinheiro ao serviço da eleição d'elle.

O Fonseca continuou silencioso. Tudo aquillo era verdade, não tinha nada que contestar.

—Dizias que não valia a pena estares a gastar o teu dinheiro com a eleição d'um homem que tu mal conhecias, proseguiu Antonina, sabendo muito bem o que fazia, seguindo triumphante o seu caminho, que não querias saber da politica para coisa nenhuma, que eram uns tres ou quatro contos deitados á rua, e se não fosse eu teimar, eu insistir, quasi que obrigar-te a fazer essa eleição, tu não a terias feito.

—Lá isso é verdade, concordou por fim o Fonseca, sem poder deixar de concordar, dando as mãos á palmatoria.

—Ora já vês, continuou Antonina, chegando á conclusão a que mirava, já vês que se amanhã fores ministro, quem te deu a pasta foi o Silveira, portanto fui eu. Eu é que te fiz ministro.

O Fonseca comprehendeu que tudo aquillo era assim, e sem saber o que fazer, para fazer alguma coisa, sentou-se na cama, e deu carinhosamente um beijo de agradecimento na face fresca e rosada da sua amante.

—E tu acceitaste a pasta? perguntou Antonina.

—Não decidi nada.

—Fizeste bem.

—Não quiz tomar nenhuma resolução sem te ouvir primeiro, bem sabes...

—Fizeste bem, não por isso, porque tu acceitas a pasta, isso está bem de ver.

—Ah! acceito? perguntou o Fonseca muito contente, achas que devo acceitar?

—Já se vê que sim; quando se não é politico acceita-se sempre uma pasta, porque não se é ministro quando se quer, e deixa-se sempre de ser quando nos apraz.

—Tens razão, tens razão!

—Agora fizeste muito bem em não decidir logo, em pedires um praso para dar a resposta, porque nunca se deve acceitar de repente uma coisa d'estas, deve mostrar-se sempre uma grande insenção, e acceitar por uma attenção amigavel á pessoa que nos convida, por dedicação para com o paiz, sacrificando-se em summa o bem estar, a tranquillidade, a despreoccupação da vida particular aos interesses da governação dos povos.

—Bravo! Bravo! Isso mesmo é o que eu amanhã heide de dizer ao Malaquias.

—E que pasta te offereceu elle?

—Uma pasta, não se combinou ainda qual seria, e mesmo para isso precisamos combinar...

—Combinar o que?

—Aquella que me convem mais. Por exemplo, eu de marinha não sei nada, nunca embarquei sequer...

—Sim, e das obras publicas tambem nada sabes.

—Tambem não.

—E da justiça nada, e dos estrangeiros nada, e da fazenda nada, foi nomeando rapidamente a Antonina, e da guerra nada, e do reino nada; não sabes nada de nenhuma das pastas, e portanto estás apto para acceitar qualquer d'ellas. Não tens que escolher.

O Fonseca não gostou muito d'esta explicação rapida e categorica de Antonina, mas era tão verdadeira, que não se atrevia a oppor-lhe a mais ligeira objecção.

—Dada por tanto a tua situação no ministerio, que no fim de tudo é a de muita gente boa...

—Lá isso é, concordou immediatamente, contentissimo, o Fonseca.

—Dada essa situação de, para o bem das pastas, tu estares para todas nas mesmas circumstancias, para o teu bem, qual d'ellas é a mais util?

—Exactamente! Exactamente!

—A pasta dos estrangeiros era magnifica para ti. E' a que tem menos que fazer, ordinariamente, e é aquella em que podias figurar mais dando bailes, jantares diplomaticos...

—O peor é a lingua!

—Qual lingua?

—O francez, bem sabes que o francez não é o meu forte, eu sendo ministro dos estrangeiros, tenho que passar a minha vida a fallar francez.

—Não me lembrava d'isso, confessou Antonina, tens carrados de razão, a pasta dos estrangeiros não te convem de modo nenhum, todas, menos a dos estrangeiros.

—E a da marinha tambem não...

—Porque? Essa não tem a lingua...

—Mas tem o estomago.

—O estomago?

—Sim, eu em me mettendo n'um bote enjoo logo, bem sabes; ora o ministro da marinha tem que ir a bordo a miudo, acompanhar El-rei, visitar esquadras estrangeiras, e eu não heide andar a lançar todos os dias.

—Pois sim, ponhamos de parte a marinha; justiça não podes ser, porque não és nem bacharel, nem padre, que eu saiba, disse Antonina rindo.

E depois, passando em revista todas as gerencias da administração publica, Antonina decidiu.

—Meu filho, não tens senão uma pasta, que te convem, a da Fazenda.

—A da Fazenda? Mas eu não entendo nada de contas.

—Não importa; essa é a que te convem: e agora muito boas noites, sr. ministro da Fazenda!

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O Lopes do Patriota

Este ainda vive, e sei com certeza me não hade levar a mal o pôl-o em letra redonda. Ha um anno, pouco mais ou menos, encontrei eu, dirigindo-me a S. Pedro d'Alicantara, um velho de physionomia aberta, alegre e saudavel, fardado de panno cõr de pihão, trazendo na cabeça um bonet do pala, e arrimando-se a uma tósca bengala, mais por habito contraido, do que por necessidade de se servir d'ella.

Parou diante de mim, e perguntou-me: Então já me não conhece?

Fitei-o por momentos para me recordar quem era o meu interlocutor, e perguntei por meu turno: «Você é o Lopes, pois não é?»

—«O mesmo, sem tirar nem pôr. Naturalmente não me reconheceu por me vêr assim enfarpelado, não é verdade?»

—«Confesso que sim. Então que fardamento é esse?»

—«O dos asylados do Amparo. Vai para cinco annos que estou lá albergado.»

Não querendo fazer commentarios que podessem ser-lhe desagradaveis, acrescentei:

—«Então que tal se dá você por lá?»

—«Antes assim do que peor. Come-se bem e com aceio, dorme-se descansado, e passeia-se depois do jantar. Tenho companheiros que embirram com o uniforme. Eu, não. Tanto se me importa andar vestido d'esta, como de outra qualquer maneira.»

—«Então, adeus, Lopes, estimei encontral-o tão bem disposto.»



A' SOMBRA DAS ARVORES

E despedi-me, apertando a mão ao honrado operario, que eu conhecera na minha mocidade, cheio de vida e de enthusiasmo pelas ideas liberaes, sem alarde, sem aspirações, sem pensamentos reservados.

Mas o que fez o Antonio José Lopes para merecer as honras da publicidade? Vou dizel-o, para que se saiba que ha dedicações obscuras, caracteres de rija tempera que se avigoram com as contrariedades, e que depois de velhos se recolhem a um asylo, em paz com Deus e com os homens

Disposto a escraver a respeito do Lopes, fui procural-o ao asylo do Amparo, edificio situado na calçada da Gloria, e administrado pela Santa Casa da Misericordia. De pergunta em pergunta, de corredor em corredor, cheguei a dar entrada no interior do asylo.

—Desejo fallar ao asylado Lopes.

—O Lopes está jantando, respondeu-me um outro asylado. Perdeu a noite ao pé de um companheiro que está doente, e não chegou á nossa hora de jantar.

—Se o sr. quer, entre ahi no refeitório, que lá o encontra.

Entrei. Estava sósinho, sentado á mesa, vestido de blusa azul, e lenço de seda preta no pescoço, tendo deante de si um appetitoso prato de grão com arroz, e em um outro prato uma magnifica posta de bacalhau com batatas, ladeado de dois copos de vinho. Era dia de peixe.

Ao fundo do refeitório estava pendente da parede um quadro representando a Visitação de Nossa Senhora, e em um plano inferior uma imagem da Virgem, assente na respectiva peanha, enfeitada com seus palmitos de flores.

O Lopes, quando me vio, quiz dar o jantar por terminado, mas eu não lh'o consenti.

—Vá comendo, e iremos fallando ao mesmo tempo. Olhe, diga-me, posso fumar?

—Não lhe sei responder. Eu nunca fui maçon, o que você talvez não acredita, mas também não sou beato. Nunca vi fumar aqui, creio que em attenção áquella imagem... mas se o senhor quer, fume.

—Não quero ir contra os usos estabelecidos. Logo fumarei. Vamos nós a fallar do assumpt- que me trouxe aqui.

—Estou ás suas ordens.

Passei então a contar-lhe o motivo de minha visita. Expliquei-lhe que andava a escrever uns artigos de que lhe não occultei o titulo, e que tendo-o também na conta de um excentrico, lhe vinha pedir o favor de me avivar a memoria para fallar com conhecimento de causa a seu respeito.

—Que idade tem o Lopes? foi a minha primeira pergunta.

—Nasci a 13 de junho de 1812, dia de Santo Antonio, e por isso me chamo também Antonio. Sou filho de um sapateiro que teve loja aberta na rua da Cruz, a Jesus, e eu proprio fui sapateiro, antes e depois de andar envolvido na politica. Pelo que vejo o senhor não se recorda já que fui eu quem lhe fiz as primeiras botas com que entrou para o collegio militar em 1834?

—Nunca foi soldado?

—De linha, nunca. Mas, em 1833, fui sargento do 4.º batalhão fixo de Lisboa, passando depois para a guarda nacional, em 1834, por signal que o meu coronel era o Domingos Ferreira Pinto Basto, que o senhor conheceu, o amigo particular de José Estevão.

—Mas como foi que o Lopes se encontrou envolvido em todos os acontecimentos politicos do paiz, desde essa data, até 1851?

Seguro da sua admiravel memoria, sorriu á minha pergunta, afirmando-me que podia precisar com toda a exactidão, não só annos, como os mezes e os dias em que os acontecimentos tiveram lugar, contando-me em seguida que fôra sempre um setembrista puro, confidente de Passos Manuel, do Rio Tinto, do Sampaio da Revolução, e principalmente do Leonel Tavares, e por elles iniciado nos segredos da politica, e nos manejos eleitoraes. Para comprovar as suas affirmativas, o Lopes, que é um narrador singello e pittoresco, narrou-me todos os episodios do processo intentado contra o «Nacional» em 1852, sendo o Leonel Tavares advogado do reu, que era o Rio Tinto, tendo elle Lopes tomado uma parte obscura, mas arriscada, no caso, isto com uma lucidez de idéas pasmosa n'um velho de 74 annos.

Queria que vissem a animação com que elle me contou, em seguida, o incidente burlesco do processo em que figurou como primeira parte o capellista Antonio José Coutinho, homem já avançado em idade, que tendo pedido, invocando a lei, e obtido do juiz dispensa de ser jurado, foi por inadvertencia senil sentar-se no proprio banco dos jurados, saindo do tribunal antes de findar a sessão, dando assim pretexto a ser julgado nullo o processo a contento da auctoridade, indo o proprio Lopes contar o occorrido ao Rio Tinto, que estava passando a noite em casa do José Ribeiro da Cunha! Com que enthusiasmo elle me contou como se passaram as eleições para deputados no anno de 1842, na freguezia de Santa Catharina, e como os setembristas as perderam só por 30 votos, o que foi julgado um triumpho para a opposição, attenta a pressão enorme que o governo exercia sobre os electores.

Quando teve lugar a malograda revolução d'Almeida, o Lopes foi ainda um dos agentes subalternos d'aquelle movimento,

que deu em resultado a emigração de José Estevão e de Mendes Leite, e a prisão, no Limoeiro, do Manuel de Jesus, Bernardino Martins, e outros.

Em 1846, e durante a gerencia da ministerio do duque de Palmella, exerceu o Lopes o obscuro logar de continuo da comissão central eleitoral do partido progressista. O thesoureiro da comissão era o João de Mattos Pinto, que tanto figurou n'aquella epocha, que por vezes declinou as suas funcções no Lopes, tal era a confiança que tinha na sua probidade. Vem aqui a proposito narrar um facto que o honra sobremaneira, dá a medida da isempção do seu character, e que ainda que outros factos o não comprovassem, lhe dava direito a figurar como um excentrico n'este recenseamento dos homens do meu tempo que se affastaram da vulgaridade.

Um dia o Rio Tinto, que era como dissemos thesoureiro da comissão central eleitoral, interpellou o presidente, que era o então ministro da fazenda, Julio Gomes da Silva Sanches, lembrando-lhe o dever de dar um emprego ao Lopes, que tantos serviços prestara ao partido setembrista. O ministro defendeu-se, dizendo que nunca mais o vira depois de ser ministro, que nada lhe pedira, mas que na primeira occasião opportuna se lembraria d'elle.

Ao outro dia soube o Lopes, na botica dos Avellares, um dos grandes focos de opposição aos cartistas, que um homem qualquer o andara procurando da parte do ministro da fazenda. Julgou que era para dar andamento a alguma manobra eleitoral, e foi correndo procurar o ministro.

D'esta vez não se tratava de politica. Silva Sanches, apenas o vio, offereceu-lhe á queima roupa, e á sua escolha, um dos tres logares de que então podia dispor. O Lopes respondeu-lhe espartaneamente: «Que era sapateiro, e d'isso vivia, setembrista por convicção, e disposto a não se sentar nunca á mesa do orçamento! Ora digam-me, se o homem não é devéras um excentrico.

Em fevereiro de 1847 esteve 11 dias preso e incommunicavel no quartel do Carmo, sendo em seguida transferido para o Limoeiro, d'onde se evadiu com os demais presos na celebre quinta feira da Ascensão do mesmo anno, que tanto alvorçou a capital. Outro qualquer preso trataria apenas de se homisiar, pois o nosso Lopes fugiu, e partiu para Setubal, alistando-se na primeira companhia dos «Voluntarios Lisbonenses» de que era coronel o celebre arsenalista Mantas, capitão o Manuel de Jesus Coelho, e alferes o padre João Candido de Carvalho, vulgarmente conhecido pelo Padre Rabecão, por ser elle o redactor do jornal satyrico que tinha aquelle titulo, e que em tantos e tão ruidosos processos andou envolvido.

Em 1851, quando teve lugar o movimento politico chamado a «Regeneração» ainda os clubs, os centros eleitoraes, as lojas masonicas trabalhavam activamente para derribar o ministerio presidido pelo conde de Thomar, e o Lopes do Patriota não dormia, fiel ás suas tradições do passado. Contou-me elle que quando o marechal Saldanha entrou em Lisboa, ao passar por baixo das janellas do Leonel Tavares, o cumprimentára militarmente, mas de um modo tão significativo que o fizera scismar, e que o Leonel Tavares lhe dissera depois que fôra elle quem em França, no tempo da emigração, iniciára o marechal nos mysterios da maçonaria.

Na noite d'esse dia houve recita de gala no theatro de S. Carlos, e o marechal Saldanha mandou um camarote ao Leonel, que offereceu n'elle um logar ao Lopes; por signal, accrescentou, como prova da sua admiravel memoria, que se representou a opera «Fingal» mal ouvida pelos espectadores, estando os enthusiasmos da platéa absorvidos pelos recentes acontecimentos politicos.

O Lopes do Patriota, que já pertencia á «Associação fraternal dos Sapateiros», foi um dos socios fundadores da «Associação dos artistas lisbonenses» approvada pelo governo em 1839, sendo o respectivo decreto assignado por Antonio Fernandes Coelho, descendente do illustre parlamentar de 1820. Dos socios fundadores da «Sociedade dos artistas Lisbonenses» acrescentou o Lopes sem demonstrar a mais leve commoção, só restam hoje tres, o Gregorio Diniz Collares, funileiro na rua do Arsenal, eu, e o Antonio Nunes, cutileiro, ao Calhariz.

Firme na intenção original de não querer ser empregado do Estado, o Lopes encontrando-se por accaso, em 1855, com Alberto Carlos Cerqueira de Faria, que andava tratando de crear a «Companhia das Aguas» e fôra vogal do antigo centro eleitoral, pediu-lhe um emprego na futura Companhia, a que Alberto Carlos accedeu, empregando-o desde logo no seu escriptorio, e mais tarde, em 1858, como continuo da secretaria da «Companhia das Aguas» que de facto chegára a organizar-se.

Incidentemente, como eu sabia que o Lopes tratára com toda a gente grávida do seu tempo, estranhando-lhe que nunca me houvesse fallado do Conde das Antas, perguntei-lhe se nunca estivera em contacto com elle, respondeu-me como epilogo de uma larga historia:

—A esse respeito só lhe digo que foi eu quem o fardei pela ultima vez para ir... para o cemiterio dos Prazeres!

E a proposito de mortos, narrou-me a doença de José Estevão, a sensação que causara a noticia do seu fallecimento, dizendo-me que fôra em casa d'elle que conhecera o Dr. Thomaz de

Carvalho, que, como adjunto ao provedor da Misericórdia lhe facilitára a entrada no asylo do «Amparo.»

Disposto a colher todas as informações, mesmo um pouco alheias ao meu assumpto, perguntei-lhe se nunca fôra casado, parecendo-me impossível que tivesse tido tempo para isso, ao que me respondeu sorrindo que nada menos de duas vezes, uma a 7 de novembro de 1835, a outra a 27 de julho de 1855: enviuvando da primeira vez em 1853, e da segunda em 1864.

O Lopes de Patriota tem direito á medalha da febre amarella, e tambem á medalha n.º 2 das campanhas da liberdade, mas nunca requereu uma, nem outra.

—«Para que? Acrescentou o meu interlocutor encolhendo os hombros. Medalhas não dão pão. Se o dessem não tinha eu necessidade de estar na casa, onde estou.»

O Lopes de Patriota, é um homem baixo, de cabello e barbas brancas, mas com o bigode ainda quasi todo preto. Conserva todos os dentes, e tem uma memoria prodigiosa.

Está perfeitamente de accordo com a sua sorte, e narra os acontecimentos da sua vida sem pedantismo nem basofia, como coisas que nunca passaram do trivial.

Lé ainda os jornaes, mas só para matar o vicio, e não por que a politica o preocupe. Como homem de lucta que foi, repugna-lhe a agua chilra das polemicas estereis, e das bajulações campanudas. O Lopes do Patriota, é, em resumo, uma miniatura de Barbés. Entende como elle que sem cadeia não pôde haver convicções arreigadas, e por isso fortificou as suas no calaboiço do quartel do Carmo, e nas enxovias do Limoeiro.

Os 74 annos que hoje conta, se estão longe de poderem ser apontados como uma primavera de flores, tambem andam ainda arredados do verdadeiro inverno da vida. Se o Lopes do Patriota chegar a entrar pelo seculo XX, talvez haja então quem se lembre de lhe festejar o centenario. Eu, com certeza, é que não hei de ser um dos taes.

Madama Collaço

Quem deixou de a conhecer em Lisboa?

Montada no seu pacifico jerico, animal que desconhecia as manhas de todos os seus congeneres, incluindo o coice e o zurro, era um gosto encontral-a, agora no caminho da Graça, d'ahi a bocado em direcção a Alcantara, occupada no seu afanoso mister de professora particular de varias prendas femininas.

A madama Collaço era verdadeiramente uma excentrica. Viuva havia muitos annos, o seu vestuario, se umas vezes denunciava o seu estado, outras, pela garridice, desafiava o sorriso dos que viam passar a laboriosa *instructrice*, com uma touca de fólhos por cima de uma marrafa multicolor, e um velho chapéu de palha ainda por cima da touca!

N'este tempo, ainda os annuncios nos jornaes se não haviam vulgarisado, e a Madama Collaço limitava-se a mandar pelo correio a casa de familias abastadas, ou que se lhe affiguravam taes, um simples bilhete de visita dizendo: «Madama Collaço, viuva do consul portuguez em Larache, offerece o seu prestimo» bilhete que era acompanhado por um programma das disciplinas que ella dizia ensinar.

No programma incluia-se o portuguez, o francez, o piano, e bordados de todas as qualidades. Para ser verdadeiro devo dizer que o portuguez de madama Collaço era uma especie de dialecto africano, em que os tempos dos verbos andavam ás marradas uns aos outros; o seu francez, deturpado em Larache, uma algaravia babeliana, e o seu tocar piano uma negação acintosa feita aos sineiros de Mafra. Pelo que respeita a bordados comprazia-se em fazer pirraças á natureza, mettendo côres anarchicas na talagarcha, a ponto de confundir o azul celeste com o verde esmeralda das campinas.

Em quanto ao mais era uma excellente pessoa, profundamente indifferente a preconceitos sociaes, o que fazia com que usasse de espora em um dos sapatos, não dispensando além d'esta ameaça permanente ao burro em que montava, de empunhar uma vardasca com que a miudo zurzia o innocente cumplice das correrias da dona.

No inverno usava de uma ampla capa de oleado, transformada em biqueira nas rudes peregrinações dos inhospitos dezembros.

A madama Collaço tinha um filho, José Maria de Lorme Collaço, que toda a vida conheci ajudante d'ordens do conde das Antas, e que, se a memoria me não falha, chegou á patente de major, morrendo doido em Rilhafolles, posteriormente a 1860.

Conheci sempre a madama Collaço vivendo sósinha para os lados de Santa Isabel. Era ella propria quem á noite desarreava o burro, quando chegava a casa; quem lhe dava a ração, quem pessoalmente o limpava, obra de caridade que praticava á porta da rua, sem se incomodar com os dichotes dos que se não limpam a si, quanto mais os burros.

Estomago de ferro, era ella quem preparava os petiscos com que á noite se banqueteara a solo, e, supremo horror culinariol no numero dos pratos seus predilectos, entrava um guisado de caracoes, adubado á brasileira, que deixava os incautos a dar estales com a lingua.

Larache é, como se sabe, uma cidade do imperio de Marro-

cos. Como veio madama Collaço parar a Lisboa? Ignoro completamente como isso foi, tão completamente como a sua ida para Marrocos. Apesar de consul, o marido devia ter tido patente militar, porque só assim o filho podia dar entrada no collegio militar, tomando depois parte activa na politica, especialmente nas luctas de 1846 e 1847, o que o prejudicou na sua carreira, contribuindo não pouco para o fazer perder a rasão.

Este filho de madama Collaço foi, como dissemos, ajudante d'ordens do conde das Antas, quando este general governou a India, escrevendo depois de lá voltar, pelos annos de 1839 e 1840, uma «Galeria dos vice-reis e governadores da India Portugueza» trabalho que ficou incompleto.

Não sei em que anno morreu madama Collaço, apenas me recorde da impressão causada pelo seu desaparecimento. A cidade estava costumada a ver aquella figura excentrica, fazendo parte integrante do seu burro, e em opposição permanente aos preceitos e conselhos da «Moda Illustrada».

Era uma independente, pugnando praticamente pela emancipação da mulher.

Que Deus a tenha na sua santa gloria.

L. A. PALMEIRIM.

AS NOSSAS GRAVURAS

A' ESPERA DA CARIDADE

Ali passa os dias, á beira da estrada, esperando que a santa Caridade se condôa do seu infortunio, das suas dores, da sua triste miseria, dos aleijões que desfeiam a sua formosissima juventude.

A's vezes, a Caridade não chega. Quando isso succede, a infeliz creança chora lagrimas amargas, e pensa que bem melhor fôra morrer, do que arrastar pela terra aquella existencia desflorida e miseravel.

CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS

Depois de longos annos de ausencia, acaba de chegar a Lisboa o benemerito portuguez de quem hoje damos o retrato.

O conde de S. Salvador de Mattosinhos tem vivido no Rio de Janeiro, onde exerceu sempre, a mãos largas, a caridade, em favor dos portuguezes pobres. A' sua iniciativa e influencia poderosissimas se deve a obra meritoria das subscrições do Brazil, que teem dado a Portugal centenaes de contos.

Uma das maiores, realisadas no Rio de Janeiro, foi a subscrição para socorros aos inundados, que attingio importantissima cifra. O conde de Mattosinhos não esperou pelo resultado d'esta subscrição para responder ao convite com que o honrara a nossa rainha. Antes de a promover, enviou do seu bolso, a S. M., dezenas de contos de réis.

O benemerito e illustre portuguez é presidente do banco do Rio de Janeiro, e do Banco do Brazil, e presidente perpetuo da *Sociedade de Beneficencia Portugueza*, sympathica instituição de caridade que tantos e tão assignalados serviços tem prestado a Portugal. Além d'isso, mantêm o seu grande nome na presidencia de muitas e importantes companhias.

O conde de S. Salvador vive ha 53 annos no Brazil, e ha 21 annos que não visitava Portugal.

Mattosinhos, onde elle nasceu, e Leça de Palmeira, onde tão assignalados serviços tem prestado, preparam-lhe uma recepção condigna.

A' SOMBRA DAS ARVORES

Aquella familia que os leitores estão vendo, assentada nas hervas, n'um grupo alegre e saudavel, festeja talvez um anniversario, banqueteadando-se.

Deve ser um anniversario, talvez o d'aquella formosa senhora que, apesar da sombra das arvores, teima em abrir o chapellino, receiosa de que os beijos do sol a façam trigueira.

Uma das filhas, com o calix em punho, faz menção de a brindar; o marido acompanha a saudação da creança, enquanto o filho vem a descer pelo atalho, correndo com um ramilhete de flores silvestres, colhidas por elle proprio, e que a mãe espera com mostras de viva e impaciente alegria.

—Mamã, á sua saude, torna a pequerrucha, enquanto a irmãita mais nova retouça feliz e contente na frescura da relva.

E todos erguendo os calices, saudaram a encantadora mãe da familia que mais tarde, ao ver os filhos crescidos e fortes, se



MADemoisELLE SABINA

(Quadro de Carolus Duran)

recordarão d'aquelle bom dia franco e jovial, passado na liberdade do campo, em que não houve uma nuvem sequer na limpidez do ceu, em que os filhos e o marido pareciam tão felizes, e em que a alegria jorrava tão ampla e tão desafogada.

Quando ella mais tarde voltar áquelle sitio, talvez encontre outro grupo, outra familia, a festejar tambem o anniversario de algum ente querido e estimado, e escutará talvez a musica de outros ninhos, e o mimoso e risonho chalrear de outras creanças.

MADemoiselle SABINA

Quadro de Carolus Duran

Muitas das pessoas que visitaram a exposição das bellas artes em Paris, ha onze annos, recordam-se ainda do magnifico retrato de uma menina, que chamou a attenção dos amadores.

De pé e encostada ao seu galgo, mademoiselle Sabina parece ter a consciencia do effeito que devem produzir os seus olhos negros, rasgados e scintillantes, o seu formosissimo semblante emoldurado em longas madeixas de cabellos, e o seu vistoso e elegante vestuario de finissimo setim.

Nenhum pintor reproduziu ainda com mais viva e penetrante graça o encanto ineffavel da innocencia.

Em frente d'este retrato, cuja combinação faz lembrar os prodigios da rica imaginação de Veronese, emquanto que pela franqueza dos toques se assimilha ás telas vibrantes de Velasques, parece que nos achamos em presença de um artista que em nada perdeu a sua energia e poderosa individualidade, no estudo dos grandes mestres.

O retrato de mademoiselle Sabina é certamente um dos seus mais completos e incontestaveis triumphos.

PONTA DELGADA

A cidade de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, é a primeira do nosso bello archipelago dos Açores, pela sua população, riquezas locais, importante movimento commercial, adiantamento agricola e genio laborioso e emprehendedor dos seus habitantes.

Ponta Delgada é dividida em tres freguezias. Obteve o brazão de cidade em 1516, no reinado de D. João III. A sua area é extensa bastante; as ruas estreitas, mas bem calçadas; os edificios são de um e dois andares, e alguns baixos, com uma construção peculiar, sendo a cantaria negra ou pintada. Tem varios largos e praças; mas o principal é o de S. Francisco, que está arborizado, ostentando-se-lhe no centro um lago orlado de relva e flores, e no meio d'este um pavilhão ou kioske elegantissimo, onde tocam as musicas de dia e á noite. E' o passeio publico ali.

Ha na cidade poucas industrias a que deva dar-se este nome. O que se faz com muita pericia e tem muita acceitação no estrangeiro, são flores de pennas e de medula de figueira.

O que é verdadeiramente admiravel é a riqueza da flóra. Ha numerosos jardins, rivalizando com os bons da Europa, e superiores aos do nosso continente.

O clima, pela sua amenidade, auxilia a opulenta vegetação; e as plantas mais raras e mais exóticas ali se encontram.

Hoje toma proporções espantosas a cultura dos ananazes, que são excellentes, e comprados, de preferencia aos da America, na Inglaterra.

A indole do povo é a melhor possivel.

D'esta cidade foi que partiu a expedição que libertou Portugal das garras do despotismo.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

- mulher, fluctua no alto dos edificios—2—2.
- residuo das joieiras, tem o nome d'uma estação—2—1.
- e o homem anda no rio, é porque é peixe—1—2.
- icor da folhagem d'arvore do Brazil—2—2.
- xiste honradez no homem bebado?—1—2.
- ndico velhice no homem que conduz liquidos—1—2.
- ejo o meu paiz! Que pandegal...—1—2.
- mmenso peixe é bella flór—1—3.
- sta planta tem o nome d'uma planta medicinal—2—1.
- ós temos de Portugal alem? E' patranha!—2—2—1.
- ou homem, e tenho o nome d'uma mulher—1—2.
- h, homem! Oh, homem! Venha cá, homem!—2—1.
- ou templo bello e elegante, mas triste morada—1—2.

Leiria.

M. MONTEIRO JUNIOR.

Na musica, no navio, solitario e fraudulento—1—1—1.
Este pronome faz esta furia—1—2.

GONÇALVES SEQUEIRA.

CHARADA CONIMBRICENSE

A primeira vertical
De certo deve prender.
A segunda é boa ou má,
Sem ella não ha viver.

A primeira horizontal
Vão na musica encontrar.
A segunda tem seis faces,
Vinte e um olhos a olhar!

Na primeira diagonal
Pode existir um valente.
A segunda?... Eis assim é
N'este mundo toda a gente.

CHARADA TRIANGULAR

Situada no pélagos profundo,
A quem és dirigida causas damno;
Pode ser um legado maternal
No centro, é bem verdade, d'este mundo.
E' mulher!.. E' mu'her!.. Foi immortal,
Um crime praticou, um crime insano,
A' frente d'um exercito facundo!

Porto.

M. M. & M.

CHARADA MAPPA

2	2	Medida
2	2	Mulher
Mulher	Medida	

Enigma (salto de cavallo)

Aos distinctos charadistas M. M. & M.

fu	tro	das	es,	casa	pai	da
xõ	o	uma	boa	um	mu	com
to	por	para 1	da	men	na	é
o	casa	pes	lher	mas	tem	to
tade;	uma	lher	é	má,	com	to
men	to	Senn.	por	tit	tade	mu
voa	pes	Pe	tem	no	uma	gir

Começa na casa n.º 1.

J. L. PERPETUA.

Enigma

(Ao eximio charadista A. de Sousa Franco)

Retribuição

Premio, a quem primeiro me enviar a decifração:—O PADRE

No meu todo, nove lettras
Deve o leitor encontrar;

Mas que são apenas cinco,
Passo já a demonstrar.

As consoantes são tres,
E vogaes só duas vereis;
Mas a segunda do todo
Outra igual não achareis.

A terceira mais a setima
Em tudo são bem eguaes;
Sendo a quarta e a oi'ava
Irmãsinhas. Concordaes?

A primeira e mais a nona
Eguaes são, não ha que ver;
Assim como quinta e sexta
Não o são tal, podeis crer.

CONCEITO

Na Historia Natural
Com certeza devo estar;
Ou então, na zoologia
Podeis o todo encontrar.

Estremoz

JOSÉ D. R. TAVARES.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Cardealina—Serviola—Utia—Ru-
fino—Toucado—Capote—Rebello—Tamisa.

DA CHARADA EM VERSO:—Januaria.

DA CHARADA EM QUADRO:—

Y s l i
s k y a
l y u n
y a n i

A RIR

Dois sujeitos conversam ácerca das doenças e dos medi-
cos:

—Eu, diz um d'elles—tenho uma confiança enorme no meu
medico; passa por sabio, mas tem manias, veste-se d'uma manei-
ra extravagantissima, usa chapéus impossiveis, emfim, é um ho-
mem ridiculo.

—Tome cautella, meu amigo; olhe que o ridiculo mata.

*

Logica feminina:

—Desde a morte de meu pobre marido, não faço senão cho-
rar...

—Tinhas-lhe, então, muito amor?

—Tinha!...

—Mas, n'esse caso, para que tornas a casar?

—E' para não lhe ser infiel!...

UM CONSELHO POR SEMANA

MODO DE SALGAR MANTEIGA Á INGLEZA

Misturam-se e reduzem-se a pó fino:

Assucar..... 200 gram.
Nitro purificado... 200 "
Sal muito puro.... 400 "

D'esta mistura tomam-se 30 grammas para cada kilo de mau-
teiga, que, depois de bem encorporada, se guarda em vasos de
barro, tendo a cautella de os tapar com um pedaço de licho e um
bocado de pergaminho por cima.

NA PRAIA

(SCENA POPULAR)

Era uma tarde de outono, tepida e clara, como são de ordi-
nario nos Açores. A pequena praia do Nordeste, situada na ponta
da ilha de S. Miguel, d'onde lhe vinha o nome, apresentava um
espectaculo curioso.

No aterro, sobranceiro aos calhaus, onde vinham despeda-
çar-se as ondas alterosas, os velhos lobos do mar, sentados no
chão, concertavam as redes, silenciosamente. Abaixo da cortina
do caes, creanças dos dois sexos, n'uma promiscuidade paradi-
siaca e um trajo não menos... biblico, regalavam se nas poças,
d'onde emergiam escorrendo, para mergulhar de novo, em gran-
des casquinadas de riso, em gritos selvagens de uma alegria rui-
dosa. Outras punham a nado barquinhos de madeira, armados
em chalupas e hiates, que o vento impellia muitas vezes para o
largo, quando uma onda mais forte galgava por cima dos agudos
rochedos, enchendo a trasbordar as vastas poças.

Era n'estes momentos criticos, que a coragem dos pequenos
proprietarios das microscopicas embarcações se punha em evi-
dencia. Desatavam a correr por cima dos precipicios, em saltos
prodigiosos, escorregando nos limos, caindo á agua e nadando
afoitos; trepando de novo á crista de um penedo, armando d'ahi
saltos para outro e indo assim a enormes distancias pelo mar
dentro, até agarrar o fragil barquinho, que traziam na volta, em
uma das mãos, enquanto com a outra nadavam vigorosamente.

Em terra, as mulheres, de braços nus e saia arregaçada, la-
vavam e estendiam a roupa, em longas canas, defronte das ha-
bitações. Por cima dos tectos de palha das cabanas erguiam-se
pennachos de fumo expirados das largas chaminés de pedra.

Tal era a paizagem que offerecia aquella pobre colonia.

*
*
*

Um observador teria porém notado que, entre aquella colméa
humana, faltavam os homens novos. E' que tinham ido todos pa-
ra a pesca da baleia. Um homem empreendedor, tinha armado
cinco canoas e arrebanhado todos os pescadores validos do lugar.
Havia tres dias que estavam ao mar, correndo em perseguição
dos cetaceos, que são muito communs na altura dos Açores.

Aquella praia prestava-se maravilhosamente a uma expedi-
ção de pesca d'aquella especie, porque era a mais avançada para
o mar largo. Era o ponto estrategico; por isso o proprietario de
canoas, fundava grandes esperanças na sua tentativa.

O tempo tinha corrido bello, e nas habitações dos pescadores
as familias sentiam-se perfeitamente socegadas. Comtudo, n'um
grupo de velhos pescadores discutia-se animadamente, e não
eram muito consoladoras as conclusões a que chegavam aquelles
veteranos do mar. Segundo elles, o tempo ameaçava borrasca. O
vento rondava com insistencia para o nordeste, o que no archi-
pelago é terrivel. O mar, principiava a torvar-se e a encrespar-
se. As garças fugiam para terra, em vôos rapidos, cortando em
linhas obliquas o espaço com as azas brancas distendidas e sol-
tando o seu pio lugubre. Ao longe principiavam a encastellar-se,
no horisonte, umas nuvensinhas pardas.

Repentinamente, do seio das nuvensinhas escuras, sahio um
clarão deslumbrante: era um relampago. A trovoadra era tão lon-
giqua, que se não ouvia o ruido da descarga. As nuvens, porém,
foram crescendo e tomando posse do espaço, obscurecendo a at-
mosfera.

Os velhos pescadores, de pé, firmes, com o calhimbo entre os
dentes, examinavam-n'as como entendedores.

O vento ia-se accendendo e principiava a deitar a terra as
canas com a roupa das pobres donas de casa. As gallinhas espan-
tadas, corriam cacarejando para dentro das habitações.

Então, chegou a vez das mulheres comprehenderem que ha-
via o que quer que era de anormal. E saíram a inquirir.

Apenas encararam o tempo, um grito d'angustia lhes esca-
pou dos labios. Todas tinham um ente querido na pesca.

—Virgem Maria Santissima! exclamaram.

—Raios do diabol! praguejavam os velhos, dilatando os olhos
para o largo, onde parecia ter caido pesada cortina de lã violeta.

Tinham decorrido apenas quinze minutos. A trovoadra ouvia-
se agora distinctamente, como o troar de artilheria a distancia.
Os relampagos scintillavam na amplidão.

As mulheres haviam acudido á cortina do Aterro, e fitavam
o horisonte com anciedade.

Elles! Este pronome encerrava o que ha de mais dilacerante
na alma humana. Elles... eram os paes, os irmãos, os maridos e
os noivos!

Por isso, quando a abobada celeste, fechada como um tecto
de chumbo sobre as cabeças d'aquella pobre gente, se rasgou pa-
ra deixar passar a electricidade em descargas tronitantes, ni-
guem pensava em recolher-se.

Veio a noite e com ella a medonha anciedade. Em todas as cabanas, foram postas lampadas a Nossa Senhora dos Afflictos. As avosinhas e as creanças, ajoelhadas ante os oratorios, resavam fervorosamente.

Na praia, as mães, as esposas e as *promettidas*, com a saia de baeta por cima da cabeça, os olhos rasos de lagrimas, gemiam em roda de uma enorme fogueira de matto, que os velhos haviam accendido para servir de pharol aos naufragos corridos pelo temporal.

—A não ser que vão a pique, hão-de vir. Com seiscentos milhões de diabos! berrava o mais respeitavel e mais velho dos pescadores.

A tempestade havia-se desencadeado em toda a sua medonha violencia. O mar rugia furioso de encontro à muralha do caes, salvando-a. Dir-se-ia que um milhão de caixas de guerra rufava á carga. Apesar de muito acostumadas a esta linguagem das ondas, as mulheres gemiam aterrorisadas, lembrando-se de que nenhuma das canoas balieiras poderia resistir cinco minutos á procella.

As tempestades muito violentas são ordinariamente de pouca duração. Um aguaceiro torrencial poz cobro a esta. O vento rondou para outro ponto. O mar quebrou o seu impeto.

Ao estado de excitação de espirito succedeu a tranquillida-

de e havia companhia para o tripular, porque os velhos não podiam comsigo. Seria preciso ir pedir, a uma freguezia visinha, homens valides. Mas isso demorava muito tempo e talvez não se conseguisse, porque o temporal d'aquella noite devia ter sido geral, e em todas as praias haveria muito que fazer.

Então, um velho, bello exemplar de rheumatismo, arrastando-se para fingir que andava, offereceu-se para ir ao leme e dirigir a manobra.

Viu-se então um espectáculo sublime. Todas as mulheres e raparigas se disputavam á porfia qual havia de ir no barco. Todas ellas mais ou menos conheciam a arte e tinham ido muitas vezes ao mar.

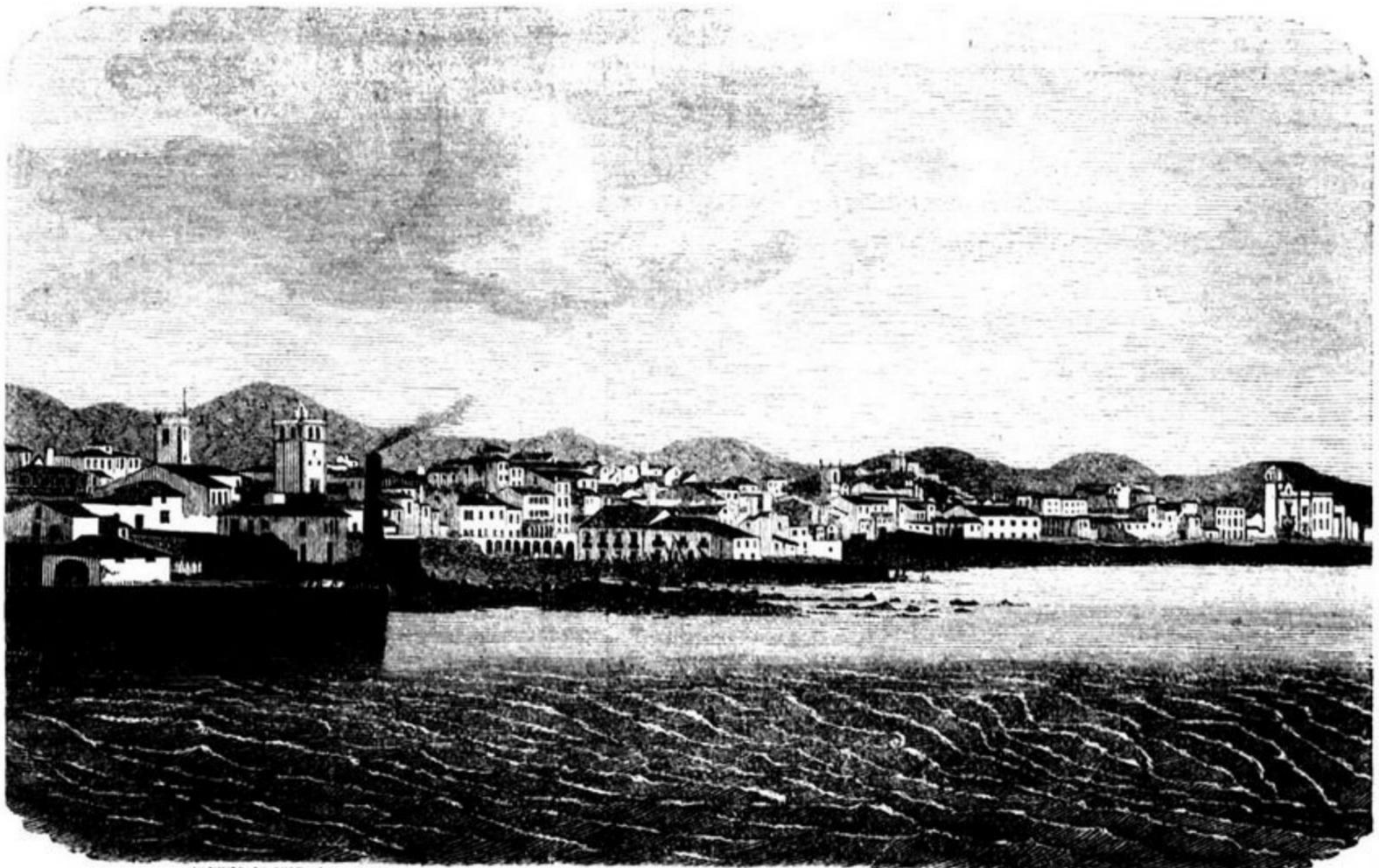
A mais animosa de todas era uma rapariga formosissima, *promettida* em casamento ao primeiro trancador. Os seus braços roliços pareciam duas barras de ferro; nada os magoava. Foi a primeira que lançou a mão ao barco para o pôr a nado.

Cheio o barco de raparigas e mulheres, com o velho ao leme, saíram a remos ao longo da costa na intenção de só içarem as velas, quando dobrassem a ponta do Nordeste.

N'um quarto d'hora, tinha-se perdido em terra o barco de vista.

* * *

lam as nossas argonautas, mar fóra, com o coração oppresso



MINIATURA DE SILVA & ALGERIO

PONTA DELGADA

de da esperanza. Todas as mulheres se recolheram, ficando só os velhos lobos do mar, atiçando a fogueira e esperando...

* * *

Pela manhã do seguinte dia rompeu o sol triumphante sobre as aguas prateadas e pacificas. Toda a colonia correu á praia com os olhos pisados d'insomnia, a interrogar avidamente o mar. Nada! Nem a mais pequena vela.

Subito, um garoto que tinha ido á descoberta, saltando de calhau em calhau veio correndo annunciar a mais triste nova.

A uma grande distancia da praia, entalado entre duas pedras, estava o leme de uma das canoas balieiras!

Era certo pois o naufragio de todos aquelles infelizes!

Mas onde estavam os fragmentos dos barcos, os cadaveres mutilados, esparsos sobre as ondas? Que horrivel mysterio era aquelle?

O mar jamais engole os cadaveres das suas victimas, arremessa-os á terra, como um desafio, para mostrar o seu poder colossal.

Foi um clamor geral. As mulheres, no auge do desespero, erguiam os braços ao ceu. Os homens, graves e silenciosos, enxugavam as lagrimas com as costas das mãos.

Passado o primeiro momento de dor, um sentimento unanime se apoderou de todos: explorar a costa.

Mas como? Restava um velho barco de pesca, pesado; e não

e os olhos investigadores, quando de repente, ao dobrar a ponta da ilha, avistaram a pequena distancia as quatro garbosas balieiras demandando a todo o panno a praia do Nordeste e trazendo a reboque uma enorme baleia!

Se grande foi o assombro da tripulação feminina do pesado barco de pesca, não menor foi o dos tripulantes das canoas, vendo suas mulheres e filhas em tão estranha expedição.

Tudo se explicou.

As canoas tinham na vespera atacado a baleia, a qual com uma rabanada, ao sentir-se ferida, fez saltar em pedaços pelo ar a canoa onde ia o primeiro trancador; mas este não desanimou e salvando-se n'outra canoa, investiu de novo e enterrou um segundo arpeo. Os outros trancadores imitaram-no. O animal evaiu-se promptamente em sangue e foi caçado a pequena distancia e amarrado para ser rebocado para terra.

Surprehendidas pela tempestade as quatro canoas restantes, abrigaram-se n'um calheta proxima, e de manhã puzeram-se novamente em marcha.

Fôra o leme da balieira despedaçada pela cauda do cetaceo, que o mar arrojara a praia.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica